

Talento açoriano brilha fora de Portugal

■ **Natural da Ribeira Grande, em São Miguel, Diana Botelho Vieira teve os primeiros contactos com a música em casa dos avós maternos. Hoje, com 26 anos, a jovem apresenta um vasto curriculum no panorama musical.**

Olivéria Santos

oliveria.santos@gmail.com

Diana Botelho iniciou os estudos na Academia de Música da Ribeira Grande e aos 10 anos ingressou no Conservatório Regional de Ponta Delgada, onde se gradua como aluna de Irina Seménova, em 2003. Nesse mesmo ano muda-se para Lisboa para estudar na Academia Nacional Superior de Orquestra, onde foi aceite para estudar com Alexei Erémine, terminando o curso superior em Piano, Música de Câmara e Acompanhamento. Durante esse período, Diana Vieira foi também bolseira da Fundação Medeiros e Almeida, tendo obtido recentemente o Mestrado em Piano Performance, pela Chicago College of Performing Arts, onde estudou com Ludmila Lazar.

Um percurso que ainda hoje a directora do Conservatório Regional de Ponta Delgada recorda. Ana Paula Andrade conta que Diana Botelho foi sempre uma aluna empenhada referindo que Diana “era uma excelente aluna. Dedicada, muito dotada musicalmente e isso prova o percurso musical que tem vindo a fazer desde que saiu do conservatório. Por onde passou foi sempre uma aluna brilhante,

tanto no continente como, agora nos Estados Unidos da América, refere.” Factos que para esta responsável só vêm “revelar e demonstrar as capacidades que a Diana tem e, sobretudo, a grande vontade que sempre teve em trabalhar e avançar para fazer da música a vida dela”.

Diana Vieira não é no entanto o único elemento da família Vieira a optar por um percurso musical. Dos sete filhos de António Vieira e Nélia Botelho, (Tânia, Rodolfo, Rodrigo, Ana, Marta e Alexandre) quatro seguiram pela via artística. Opções que sempre colheram sempre o apoio dos pais, porque como explica a mãe Nélia Botelho, “as pessoas devem fazer aquilo que gostam. E se a opção deles foi a música, tiveram o meu total apoio”, revela.

No passado dia 5 de Janeiro, Diana Botelho esteve nos Açores onde se apresentou, pela primeira vez a solo, no Teatro Micaelense. Foi a primeira vez que a mãe viu a filha tocar a solo em Ponta Delgada. Uma ocasião que a deixava orgulhosa e, ao mesmo tempo, curiosa: “a Diana já tem feito recitais em Chicago e, por ser longe, não tenho tido oportunidade de assistir. Por isso hoje estou expectante porque até nem conheço as peças que ela vai interpretar”, confessa.

Mas como vivem os pais afastados dos filhos a maior parte do tempo? António Vieira assegura que para ele é mais fácil do que para a esposa, adiantando que todos os filhos são “trabalhadores e com espírito matemático e físico. Para além disso, têm o apoio incondicional da família”, garante. Já Nélia Botelho relativiza explicando que a distância nem sempre é fácil, mas frisa que fica feliz por ver os filhos à procura do seu sonho.

Por entre o público presente no Salão



Direitos Reservados

Diana Botelho uma jovem promessa dos Açores

■ **Em 2008, Diana foi premiada no concurso Prémio Jovens Músicos, um dos mais prestigiados concursos para jovens músicos em Portugal. Apresentou-se na ronda final com o Concerto para Piano e Orquestra nº 2 de S. Rachmaninov.**

Nobre do Teatro Micaelense fomos encontrar Irina Seménova, a antiga professora de piano de Diana Vieira, que revelou que Diana sempre foi “muito curiosa e com grande interesse em aprender tudo o que estivesse relacionado com o repertório pianístico”. Depois do recital, esta docente estava satisfeita com a prestação da antiga aluna, no entanto e após uma análise mais profissional, observou que Diana ainda “pode aperfeiçoar alguns pormenores”. Isso mesmo confirma a própria Diana Vieira que confessa que o “recital foi um pouco exigente, com peças complicadas”. Diana admite que nunca está totalmente satisfeita e referindo-se em concreto ao recital avança que houve aspectos que “correram muito bem, mas outros houve que precisam de ser mais trabalhados”.

Para alcançar o mérito e a fama, Diana Vieira viu-se forçada a abandonar a terra que a viu nascer na busca de um sonho. Uma decisão que Ana Paula Andrade considera que foi a melhor isto porque, explica, será difícil para

■ **Diana Vieira é membro fundador do Quarteto Botelho Vieira, apresentando-se nos Açores, Portugal, Estados Unidos e América do Sul. O quarteto tem recebido inúmeras críticas favoráveis, tendo sido premiado com o Búzio Revelação e o Prémio Cultura.**

Diana Vieira manter-se nos Açores como concertista. A directora do Conservatório entende que seguir uma carreira de música em Portugal Continental já é difícil, mas assegura que nos Açores ainda mais difícil se torna. “É impossível viver a carreira musical enquanto concertista numa região como a nossa”, confessa adiantando porém que nos Açores o que se poderá conseguir “é uma vida ligada à música, mas na vertente da docência”. Motivos que levam esta responsável a considerar que Diana Vieira “fez muito bem em manter-se fora de Portugal. Uma vez que ela teve a oportunidade de vingar no estrangeiro, acho muito bem que ela continue pelos Estados Unidos”, assegurando que Diana será sempre recebida de braços abertos”.

Quando está ao piano, Diana confessa à nossa reportagem que fica alheia de tudo o resto que se passa à sua volta, admitindo que “mais do que as emoções que a música transmite”, o que lhe fascina são as vivências dos compositores: “Há ali qualquer coisa que eles queriam transmitir, passaram para o papel e acho que é fascinante que isso seja ainda tão poderoso nos dias de hoje como era na altura e que continua a ser tão válido”. Pela música, Diana frise que fica fascinada pela “constante busca que nunca mais acaba”.

A Música Contemporânea é uma área onde Diana Vieira também se tem aventurado, tendo tido já oportunidade de estrear, em Chicago, obras para piano a solo, que lhe foram dedicadas. Actualmente, em Chicago faz parte do corpo docente da Christopher Laughlin Music School e da DePaul University Community Music Division, colaborando também como júri convidado na People’s Music School.

ENTREVISTA

Uma vida dedicada à música

Ainda se lembra como começou este gosto pela música?

Eu comecei na música muito nova, lembro-me desde sempre de passar os Verões em casa dos meus avós maternos, na freguesia da Maia, concelho da Ribeira Grande. Passávamos as tardes, eu e os meus irmãos, a aprender música. Também fazíamos as actividades normais dos jovens da nossa idade, íamos à praia, andávamos de bicicleta, líamos, entre outras coisas. Embora amadores, os meus avós gostavam muito de música, e o seu entusiasmo foi passando para os netos. Nós aprendíamos a tocar piano, violão, bandolim e também cantávamos. A minha avó gostava muito de cantar, principalmente melodias açorianas. Posso dizer que o meu contacto com a música começou mais na “desportiva”.

Como é viver numa família de músicos?

Todos os meus irmãos tiveram contacto com a música. Uns foram contagiando os outros, mas apenas quatro de nós seguiram a via da música profissional. Eu no piano, o Rodolfo e a

Marta, no violino e a Ana no violoncelo. O meu irmão mais novo também está interessado no piano, tendo começado novamente a estudar piano. A música vai estar sempre presente na nossa família.

Sempre quis piano?

Eu antes de começar a aprender piano, eu queria era aprender a tocar harpa. Eu andava fascinada com aqueles sons celestiais e pela possibilidade de dedilhar os dedos pelas cordas, mas não havia este instrumento no Conservatório. Entretanto, nessa altura a minha irmã mais velha já tinha iniciado o piano e como via-a a estudar em casa e aos poucos fui ficando do fascinada com o som que o piano traduz. Ao contrário do violino, o piano tem uma textura muito maior, podemos usar os dez dedos e tem sons muito mais ricos e por isso fiquei encantada.

Tem sido um desafio a sua vida?

Sim, constantemente.

A Diana está actualmente a viver em Chicago. É difícil estar longe da sua terra?

Sim, foi aqui que nasci, é aqui que en-

contro boa comida (risos), e não faz tanto frio como em Chicago. Às vezes chego a pensar o que me faz sair de uma ilha que gosto tanto, mas depois pensando não com o coração e sim com a razão chego à conclusão que a nível profissional é uma saída que faz todo o sentido, porque há mais oportunidades e muito por explorar. Não posso parar por aqui, sou muito nova e tenho ainda muito a aprender. Mas já estou habituada a viver fora da minha terra.

Até onde vão os seus sonhos?

Eu sinto que nunca vou estar satisfeita comigo. O meu sonho é chegar ao dia em que esteja totalmente satisfeita comigo. Mas à conversa com pessoas mais experientes já me disseram que esse dia nunca chega. Relativamente a sonhos, só quero é poder fazer tudo o mais genuinamente possível e dar a conhecer este mundo extraordinário que é a música tanto a todos os que me ouvem como também aos meus alunos.



Direitos Reservados